BLUMENAU
em CADERNOS
Tomo I
Número 1
Novembro de 1957

Banco Indústria e Comércio de S. Catarina S.A.

Matriz: ITAJAÍ - Santa Catarina

CAPITAL E RESERVAS ....Cr$ 202.980.700,30
DEPÓSITOS EM 30-6-57 ....Cr$ 2.348.857.801,40

Agência no Distrito Federal — Rua Visconde de Inhaúma, 134 C

Agências em São Paulo — Rua do Carmo, 66 e Rua São Bento, 341

Agência em Curitiba — Rua Monsenhor Celso, 50

Agência em Florianópolis — Praça 15 de Novembro, 9

Agências no Estado de Santa Catarina: Araranguá, Blumenau, Bom Retiro, Braço do Norte, Brusque, Caçador, Camboriú, Campos Novos, Capinzal, Canoinhas, Chapecó, Concórdia, Criciuma, Curitibanos, Estreito, Gaspar, Guaramirim, Henrique Lage, Ibirama, Indaial, Itaiópolis, Ituporanga, Jaraguá do Sul, Joaçaba, Joinvile, Laguna, Lajes, Lauro Mueller, Luiz Alves, Mafra, Orleães, Piratuba, Pôrto União, Rio do Sul, Rio Negrinho, Rodeio, Santo Amaro da Imperatriz, São Bento do Sul, São Carlos, São Francisco do Sul, São Miguel do Oeste, São Joaquim, Taió, Tangará, Tijucas, Timbó, Tubarão, Urussanga, Videira e Xanxerê.

Agências no Estado do Paraná: Cambará, Clevelândia, Lapa, Maringá, Palmas, Palmeira, Ponta Grossa, e São Mateus do Sul.

Agências no Estado de São Paulo: Botucatu, Campinas, Cruzeiro, Jaboticabal, Jacareí, Jaú, Lençóis Paulista, Lorena, Mogi das Cruzes, Mogi-Mirim, Paraguaçu Paulista, Pinhal, Piracicaba, Presidente Prudente, Santa Cruz do Rio Pardo, Santo André, Santos, Sertãozinho e Taubaté.

Agência no Estado do Rio de Janeiro: Barra Mansa.

Escritórios no Estado de Santa Catarina: Biguaçu, São José e Urubici.

Escritórios no Estado de São Paulo: Alfredo Guedes, Barrinha, Guararema, Guariba, Lutécia, Monte-Mor, Poá, Queluz, Rio das Pedras, Salesópolis, Sousas, Tremembé e Vila dos Lavradores.

Abra uma conta no INCO e pague com cheque!

Blumenau em 1857

Como é sabido, em 1860, a colônia que o Dr. Blumenau fundara e que, durante dez anos, permaneceu como sua propriedade particular, passou ao domínio do Govêrno Imperial, subordinada diretamente à Diretoria Geral das Terras Públicas.

Êsse fato, que assentou novo marco no desenvolvimento da colônia, foi conseqüência de razões acumuladas durante anos seguidos.

Muitas dessas razões vêm esclarecidas no relatório que o fundador, em maio de 1857, dirigiu ao Govêrno Imperial e que é um dos mais expressivos documentos do primeiro decênio do notável empreendimento.

É um relatório longo demais para ser transcrito integralmente nestas páginas. Nós o iremos analisando em números sucessivos dêstes cadernos que, assim, ficarão sendo um apanhado fiel da situação de Blumenau, exatamente cem anos atrás, e do estado de espírito do fundador, naquela época atribulado por inúmeros sofrimentos físicos e morais e que, por fim, o obrigaram a desistir de continuar a emprêsa por sua própria conta.

O número de colonos chegados em 1856 foi bem grande, em relação à deficiência de meios com que contava o fundador.

Essa circunstância, acrescida de várias outras de ordem financeira e moral, complicaram sèriamente o estado de saúde do Dr. Blumenau. Êste sofria de grande depressão nervosa, agravada por complicações intestinais e hemorroidárias. Os apertos de numerário para as despesas mais simples, para o pagamento de compromissos assumidos com colonos e com representantes seus na Alemanha, encarregados de aliciar e desembaraçar os imigrantes até ao pôrto de Hamburgo, ou o de Bremen, punham-no em verdadeiro estado de desespêro.

Caráter profundamente honesto, para o qual o perfeito, exato cumprimento das obrigações a que se sujeitara, documentadas ou não, constituía um verdadeiro preceito religioso, Blumenau, não sabendo como arranjar elementos para enfrentar, para atender os vencimentos periódicos das letras-de-câmbio e das contas a prazo, amargurava-se em torturas morais, que lhe doíam mais que os próprios males físicos.

Antes, porém, de abordar êsse lado interessantíssimo do relatório de 1857, vejamos qual era, realmente, a situação da incipiente colônia, naquele ano.

Entraram 290 novos imigrantes. A população total, incluídos alguns indivíduos de origem alemã, moradores em Gaspar e Belchior, vindos de São Pedro de Alcântara e outros pontos do litoral catarinense, somava 549 almas espalhadas por 110 fogos, 16 dos quais fora dos limites dos terrenos integrantes da gleba que constituia, pròpriamente, o estabelecimento do Dr. Blumenau.

Havia 76 cabeças de gado vacum e 11 de cavalares e muares. A pequena indústria estava representada por cinco engenhos de farinha de mandioca; cinco de açúcar, dotados de centrífuga para refiná-lo; três alambiques para cachaça e álcool; dois moinhos de fubá e dois engenhos de serrar madeira; uma indústria de vinagre

e outra de cerveja; uma padaria e vários artífices, como: carpinteiros, seleiros, etc.

Já existiam duas casas de negócio de gêneros de primeira necessidade, mantimentos, fazendas, ferragens; uma hospedaria. E havia, também, dois médicos: um homeopata, e o outro, o grande Fritz Mueller, que não exercia a profissão por questões de consciência; um boticário e uma parteira.

A 9 de agôsto dêsse ano, o pastor protestante, Osvaldo Hesse, celebrou, pela primeira vez, ofício religioso na colônia, num galpão que servia de abrigo ou hospedagem de imigrantes. Êsse pastor chegara, a 23 do mês anterior, e ficou, por longos anos, à testa da comunidade evangélica a que pertencia a grande maioria dos colonos.

Os indígenas, que, em 1852, haviam atacado a colônia, meia dúzia de ranchos agrupados à barra da Velha, continuavam as suas correrias pelas imediações, afugentando os colonos mais afoitos. Naquela ocasião, os índios não haviam levado a melhor; deixaram, na fuga, em face da resistência dos colonos, um bugre morto, saindo outro ferido. O professor Ostermann descreve, minuciosamente, êsse ataque, em carta que dirigiu ao Dr. Blumenau que, na oportunidade, se encontrava em Destêrro. Essa carta acha-se traduzida no "Calendário Blumenauense", relativo ao ano de 1934, e merece ser lida pelo pitoresco da narrativa, a que não faltam tons de comicidade. Oportunamente, transcrevê-la-emos num dêstes cadernos.

Em princípios de 1856, outro ataque de índios deu em resultado a morte de dois colonos recém-chegados, fato que alarmou grandemente os poucos moradores do incipiente povoado. Em conseqüência dessa lamentável ocorrência, o fundador da colônia redobrou de esforços junto ao govêrno provincial, no empenho de conseguir que uma guarda de doze pedestres, estacionada no arraial de Belchior (Colônia Itajaí), fôsse transferida para a sede da colônia Blumenau. Ali, em Belchior, a guarda era inútil, perfeitamente dispensável, pelo desbravamento das matas a que os imigrantes alemães se iam entregando, rio acima. Além de inútil, se tornara até prejudicial aos próprios moradores da colônia Itajaí, com seus homens vivendo no ócio, sem comando nem orientação.

Desde o primeiro ataque dos índios, em 1852, Blumenau vinha insistindo para que aquela guarda ficasse sob o seu comando, na colônia.

Sòmente conseguiu isso, depois que se dirigiu, diretamente, ao Govêrno Imperial para que êste transmitisse instruções enérgicas ao presidente da Província, nesse sentido. A guarda foi transferida para Blumenau, mas, mesmo assim, de pouco adiantou; pelo menos, até que o fundador conseguisse, a muito custo, substituir as velhas carabinas que os pedestres usavam e que "entre cinco tiros negavam três e quatro", no pitoresco dizer do relatório, por espingardas mais modernas, de dois canos, e obter facões apropriados, e isso tudo com o auxílio de 400$000 que lhe concedeu o Govêrno Imperial.

Ainda em 1857, o presidente da Província, João José Coutinho, visitou a colônia, aí aparecendo de surprêsa.

Sôbre a animosidade que êsse presidente alimentava contra a colonização alemã, especialmente quando protestante e, de um mo-

do particular, contra o Dr. Blumenau e a sua colônia, teremos muito que dizer.

O fundador queixa-se amargamente, no relatório de 1857, do pouco caso, mais do que isso, da má vontade de Coutinho para com o que dissesse respeito ao empreendimento da bacia do Itajaí. Reservaremos, entretanto, os nossos comentários a êsse interessante capítulo, para um dos próximos artigos.

Já naquela época, a dança dos preços dos gêneros de primeira necessidade andava em ritmo de "rock and roll". Como hoje, não se podia então fazer orçamentos e previsões honestas, sem acrescentar a tôdas as rubricas, percentagens mais ou menos altas para enfrentar as prováveis, quase certas, majorações de preços.

Blumenau, na sua ingenuidade para negócios, não se conformava com essa irregularidade. Tais escrúpulos, teve-os êle durante os trinta e tantos anos de sua administração à testa do estabelecimento que criara.

Não queremos fugir à tentação de transcrever um trecho do relatório de que tratamos, conservando a pitoresca redação do seu autor, que é um atestado a mais do escrupuloso cuidado com que Blumenau encarava os negócios de sua colônia, frente aos compromissos assumidos para com o Govêrno Imperial.

Referindo-se a um relatório anterior, enviado ao Diretor Geral das Terras Públicas, por intermédio da presidência da Província, e que esta havia, propositadamente, demorado em remeter ao destino, de sorte que os dados no mesmo contidos não puderam constar do relato anual daquela autoridade imperial, Blumenau assim se expressa:

"Falei, então, sôbre as diferenças dos preços do trabalho, dos víveres, das comissões dos agentes e, enfim, de tôdas as mais despesas inerentes à minha emprêsa, no tempo em que estabeleci os cálculos, que serviam de base ao meu contrato com o Govêrno Imperial, e na época recém-passada e na atual, e sôbre os grandes e quase insuperáveis embaraços em que fui pôsto pela mudança que, desde então, se deu nos mesmos preços e despesas. Essa mudança foi, em efeito, tão enorme e tanto além de tôdas as pressuposições razoáveis, que, completamente e para grande prejuízo e desânimo meus, destruiu todos os meus cálculos anteriores. Tendo eu estabelecido os mesmos nos meados do ano de 1854, da maneira mais conscienciosa e segundo as minhas experiências, colhidas desde anos, não tomei e razoàvelmente não podia tomar em conta nem as consideráveis perdas de capital, que logo depois sofria, direta e indiretamente, por diversas causas além do meu querer e poder, e sobretudo pela referida enchente e suas funestas conseqüências, e tampouco podia prever um aumento de todos os preços e despesas tal, que fêz subir, geralmente, a mais de dôbro, e até ao triplo e quádruplo, a quantia que, a princípio, eu havia calculado como indispensável e suficiente.

"O meu ponto de mira foi a continuação, a prosperidade e o engrandecimento da minha emprêsa e não pedia dela outros lucros que não fôssem os precisos, para poder sustentá-la com vigor, e eu, modestamente viver; foi a minha ambição e o meu orgulho cumprir a risco e a todo transe o meu contrato e, assim, evidenciar que quem fôr guiado por experiência e dotado de atividade, boa-vontade e retidão, mesmo com dimi-

nutos meios, possa fazer alguma e até muita cousa. Fiz, pois, cálculos conscienciosos e razoáveis; dando-se logo um pequeno desfalque, esperava poder cobri-lo, diminuindo ao mínimo os meus gastos pessoais e sacrificando o modesto lucro que julgava, em parte, poder e dever esperar. Não podia, porém, prever nem tomar em conta que, em vez de um pequeno lucro, que estava disposto a sacrificar, se dessem infortúnios extraordinários e fora de qualquer probabilidade e, em conseqüência, perdas e prejuízos bem consideráveis para as minhas circunstâncias; e ainda menos podia prever o exorbitante aumento de todos e quaisquer preços e despesas.

"Com efeito, a mesma quantia com que, na época do estabelecimento dos meus cálculos, podia estabelecer e sustentar 300 colonos, hoje chega apenas para cem e, quando muito, para 130, até 150; naquele tempo, pagava-se ao agente engajador e expedidor de colonos a comissão de 2$340, 3$900 e, quando muito, 5$460 por colono adulto, entretanto que, no ano passado, paguei 13$000 e hoje me pede 20$000 por "cabeça" de adultos e 13$666 de menores (ou 2/3 do prêmio que o Govêrno Imperial paga aos empreendedores de colônias) ou 15$000 por adulto, 20% do produto bruto da venda das minhas terras e, no fim de dez anos, 25% do valor da minha propriedade territorial.

"Naquela época, calculei as despesas da fatura da estrada da barra do Itajaí até a colônia, de uma extensão de pouco mais ou menos doze léguas, em Rs. 5.500$000, hoje e depois da terrível enchente que levara a maior parte das pontes então existentes e deu uma lição dispendiosa, porém instrutiva, contra cuja repetição se deve tomar cautela, não posso calcular essas despesas em menos de 15 contos, além daquilo que já gastei, e o snr. presidente da Província julga que apenas 25 hão de chegar.

"O mesmo se deu e ainda se dá com as mais construções para uso público, que me obrigara a fazer às minhas custas; como com caminhos e edifícios particulares, com a medição das terras e, enfim, com todo e qualquer trabalho e despesa que, geral e regularmente, é o dôbro e, muitas vêzes, o triplo, e ainda mais, daquilo que, faz quatro anos, calculei e naquela época razoàvelmente podia calcular.

"Chegando um número de colonos e calculando eu logo de um lado a importância das diversas comissões, gratificações e mais despesas diretas do transporte à colônia, gratificação do empregado da alfândega, que devo pagar à caixa desta, enfim à despesa geral com o respetivo transporte dos colonos até êles terem chegado à colônia, do outro lado a receita proveniente dos prêmios pagos pelo Govêrno Imperial e das vendas das terras, únicas fontes daquelas, saiu como resultado final que desta receita, deduzida a importância das despesas, por ora não me ficavam senão 30% e, no decurso e fim de três anos, mais 15 a 20%, provenientes êstes da venda das terras vendidas a prazo. E com êstes 30, respetivamente 45 e, quando muito, 50%, devo, pois, sustentar a emprêsa a todos os respeitos, pagar guarda-livros, agrimensor, etc., medir terras, fazer caminhos na colônia, etc., e enfim cumprir as obrigações a que me comprometi e sujeitei para com o Govêrno Imperial. É óbvio que isso é uma absoluta impossibilidade".

Voltaremos, em próximos artigos, a êste interessante relatório.

Poetas Blumenauenses

Octaviano Ramos não nasceu em Blumenau. Mas, em Blumenau viveu a maior parte de sua existência. Aqui constituiu família; aqui nasceram-lhe os filhos.

Deu a Blumenau o melhor de seus esforços, da sua afeição, da sua brilhante inteligência.

Foi um blumenauense de coração. E, como tal, deve figurar, justamente, em lugar de destaque, na galeria dos intelectuais do município.

Nascido na bucólica São José, encravada num dos mais pitorescos recantos da baía de Florianópolis, Octaviano cresceu na contemplação das incomparáveis belezas da sua terra. Amou-a. E, na placidez do ambiente, na quietude da paisagem, na magnificência de uma natureza ungida de paz e de sol, formou o seu espírito, para tornar-se o homem bom, modesto, humilde e terno que sempre foi na vida.

E um espírito assim, num meio assim cheio de encantos, de tranquilos deslumbramentos, não poderia deixar de ser poeta. Poeta da beleza e da bondade.

Os inspirados versos que compôs bem refletem a sua alma enamorada das maravilhas da sua terra, impregnada dos sentimentos de caridade, de amor ao Criador e às criaturas tôdas.

Um poeta que tinha a meiguice ingênua do Poverello, de quem, aliás, era um admirador incondicional.

Quando Octaviano era agente postal-telegráfico de Blumenau e dirigia, comigo, a "A CIDADE", jornalzinho que nos custou muitas dores de cabeça, eu costumava visitá-lo todos os dias, à tardinha, em sua residência nos altos do prédio que Curt Hering, o prefeito benemérito, construíra para a agência do Correio. E quase sempre saíamos juntos, a dar uma volta a pé pelas ruas da cidade, comentando fatos da nossa mocidade, discutindo assuntos de literatura e mesmo de política do município e do estado. Ou íamos visitar o Bruder Pacômio, na pequena tecelagem dos franciscanos, ou *filar* umas pitadas de rapé do Bruder Hilário, no santuário em que êle fabricava altares de madeira que eram verdadeiras obras de arte.

Certa vez, passamos pela atual Rua Alvin Schrader, defronte ao jardim da residência que fôra do Doutor Alfredo Luz, então uma das melhores da cidade.

Naquela época, estando o proprietário internado num sanatório, no Rio de Janeiro, o jardim que conhecêramos, outrora, muito bem cuidado, sempre cheio de flôres e folhagens as mais delicadas, estava em lamentável estado de abandono. O capim e as ervas daninhas haviam tomado conta de tudo. As belas roseiras enxertadas, desprendidas de seus suportes apodrecidos, jaziam pelo chão, uma ou outra tentando fazer desabrochar as suas flôres por entre malhas de "mata-pasto".

Tudo era desolação e tristeza. Aquela vista impressionou o espírito de Octaviano. Tanto mais quanto o proprietário tivera sorte igual à do jardim.

Dias depois, Octaviano leu-me êste sonêto inspirado no triste quadro:

SOMBRA E SILÊNCIO

Êste velho jardim que outrora eu vinha
Contemplar, junto à grade que o rodeia,
Abandonado e triste hoje é a mesquinha
Sombra do que já foi, trágica e feia.

Não tem mais rosas. A última que tinha
Ainda se vê desfeita sôbre a areia.
Cobre-o o manto vivaz da hera daninha,
Nem um passáro mais nêle gorgeia.

A imagem fiel agora me parece
Do nosso coração quando envelhece
E a dor o assalta, num constante assédio.

De sonhos êrmo exânime se ensombra,
Muda-o o silêncio, transfigura-o a sombra
Num campo-santo de saudade e tédio.

Mas não é de tristezas o sentido marcante da poesia de Octaviano Ramos. Muito ao contrário.

Seus versos ressumam ternura, entusiasmo e alegria pela vida. São sempre um impulso para o alto, para o bem e para o belo; um ruflar de asas para o infinito, fugindo às misérias do mundo e à maldade dos homens.

Êste sonêto "ASCENSÃO", é de singular beleza:

Como o canoro pássaro liberto
Do cativeiro em que a penar vivia,
Batendo as asas, num revoar incerto,
Em gorgeios traduz sua alegria.

Também tu, pobre coração desperto
Do silêncio mortal que te angustia,
Ergue-te e deixa o cárcere deserto,
Foge a essa estância lôbrega e sombria!

Faz-te senhor em vez de ser cativo!
Desfere e aos céus altíssimos levanta,
Um canto varonil, claro e festivo!

O vôo alça, num místico transporte,
E no afago da luz unge-te e canta!
Canta a glória e a alegria de ser forte!

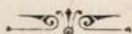
Não são menos lindos êstes:

VERSOS À MOCIDADE

Mocidade feliz, que te espanejas;
Galante e alegre, como um passarinho,
Irradiando de ti, sem que tu vejas,
Jorros de luz, perfumes e carinho;

Serena segue, sob as benfazejas
Asas do amor, de puro e leve arminho,
Vendo os sonhos dourados que desejas
Docemente surgindo em teu caminho.

Abra o destino sôbre os teus anelos
A profusão de graças e desvelos
De seu tesouro, que no céu fulgura!

Chovam risos e encantos em teu seio
E nêle faça ouvir o seu gorgeio
A doce voz eterna da Ventura!

Curiosidades

AS TRÊS TATUTIBAS

Os que não conhecem certas particularidades da vida de Blumenau, julgarão que TATUTIBA, nome pelo qual são conhecidas três linhas coloniais que têm comêço na estrada de Itoupava Central, seja de origem indígena.

Viria de "tatu", o conhecido desdentado e "tiba" que, em tupi, significa "muito", "grande quantidade". Assim, Tatutiba seria "lugar de muitos tatus".

Mas não é nada disso. O nome se originou de "Tatu-tiefe". "Tiefe" chamam os alemães às linhas coloniais de penetração, geralmente nos fundos dos lotes que dão frente para as estradas gerais. Assim, as três linhas coloniais de que tratamos são "tifas", como já está abrasileirada a palavra. "Tifa do Tatu", ou "Tatu-tiefe", como as chamam ainda os alemães e seus descendentes que povoam os seus lotes.

Já nos mapas oficiais do município, elas figuram como brasileiríssimas "Tatutibas".

UM POUCO DE ROMANCE

J. Ferreira da Silva

O velho cemitério católico de Blumenau ficava por detrás da Igreja Matriz, numa elevação de onde se avistava tôda a parte leste, acompanhando a grande curva do Itajaí que forma a chamada Ponta Aguda.

Para o saneamento e urbanização do local, que fica mesmo no coração da cidade, foi necessário demolir o campo santo e arrazar a colina.

A velha cidade dos mortos era um lugar pitoresco, com os seus ciprestes anosos, as suas azáleas vermelhas sempre em flor, os seus milhares de lírios brancos saturando o ambiente de agradável perfume. Era um recanto de paz, de tranquilidade, com as suas cruzes e monumentos a assinalar a derradeira morada dos que a morte ia colhendo na sua faina impiedosa, inexorável.

Ali não estavam enterrados, apenas, os primeiros colonos que, com o Doutor Blumenau à frente, concorreram para o engrandecimento da Colônia. Nem tôdas aquelas sepulturas guardavam restos de imigrantes, de seus descendentes que viveram a vida simples e pura, monótona e produtiva do camponês ativo, laborioso.

Algumas escondiam segredos de vidas aventurosas; outras, romances de amor; outras, exemplos de fé, de sacrifício, de resignação.

Eu conheci ali um túmulo que sempre me chamava a atenção. Era de tijolos e cimento e trazia uma lápide de mármore branco com esta inscrição em alemão, em letras góticas, douradas: "Aqui descansa, no Senhor, Leontina, baronesa de Wendlingen, nata Condessa Palaczy".

Não era para menos que despertasse a curiosidade de qualquer um, um epitáfio assim tão aristocrático na burguesa e pacata Blumenau de anos atrás.

E eu nunca viria a conhecer o romance daquela, cujos restos ali descansavam, se não me tivesse vindo às mãos o livro de Teresa Stutzer "Am Rande des brazilianischen Urwaldes".

Essa escritora, que viveu alguns anos em Blumenau, conta-nos a história emocionante da baronesa Leontina. É um romance comovente, um exemplo de como a Providência tece os destinos dos homens, à revelia dêstes, destinos às vêzes caprichosos, que se cumprem à risca, por mais absurdos que pareçam nos seus detalhes. Um romance que começa numa modesta aldeia da Áustria e vem terminar na bucólica Blumenau, embalada ao doce murmúrio das águas calmas do majestoso Itajaí.

Em meio ao calor, à fervilhante alegria de uma noite de baile na côrte do granduque Maximiliano da Áustria, Leontina, dama de companhia da granduquesa Carlota, conheceu o jovem tenente de Wendlingen. Êste, descendente de nobre estirpe de grandes oficiais do exército austríaco, não sendo o primogênito, teve que ingressar na carreira das armas e, em 1864, era Ajudante-de-Ordens de Maximiliano que, deveras, o estimava.

Leontina e o Tenente amaram-se. E amaram-se como dois jovens belos, cheios de vida e saúde, podiam amar-se. Ambos, porém eram pobres, embora descendentes de famílias abastadas.

Quis o destino que Napoleão Bonaparte voltasse as suas vistas à Côrte Austríaca para ali encontrar um imperador para o México, recentemente conquistado. O granduque Maximiliano foi o escolhido. Êste, de princípio, tentou opor embargos à honrosa escolha. Sabia bem a quanto se arriscava, acedendo aos caprichos do corso.

A ambição de Carlota, porém, soube demovê-lo. Chegava, enfim, à concretização de sonhos sempre acalentados, de ostentar à fronte a coroa imperial. Imperatriz do México!

E Maximiliano acedeu. E, no mesmo dia em que, com pompas jamais vistas, foi êle proclamado Imperador do México, Leontina e Wendlingen, agraciados com títulos e doações, uniam para sempre os seus destinos. Casaram-se. Casaram-se e foram escolhidos para fazerem parte da comitiva que deveria acompanhar os novos soberanos ao seu pôsto no Novo Mundo.

A bordo do navio que transpor-

tava a luzida côrte, muita gente ia pensativa, apreensiva, cheia de maus presságios. Assim o imperador. Mas Leontina e o jovem espôso iam alegres, felizes. O futuro não os preocupava. Debruçados à amurada do barco, de mãos dadas, encaravam o céu e o oceano, azuis e intermináveis, com a despreocupação de quem só pensa no seu amor e na sua felicidade. Wendlingen fôra o primeiro e único amor de Leontina que, de um convento, viera para o serviço da granduquesa. Amava-o, pois, com a enternecida pureza dos anjos. E viveram felizes, muito felizes, nos primeiros tempos.

Depois, veio a catástrofe. A revolta, a prisão do imperador e dos da sua côrte, inclusive Leontina e Wendlingen. A fortaleza de Quaretaro, a sentença de morte, luto e lágrimas.

Na sua grande dor, Leontina tudo fêz para salvar o imperador e o espôso. Arrojou-se aos pés de Juarez, lavou-lhe com lágrimas as botas grosseiras, implorou, pediu desesperadamente. Juarez mandou riscar os nomes da corajosa dama e de Wendlingen da lista dos que seriam fuzilados. Mas o imperador morreu corajosamente, traspassado pelas balas do pelotão de fuzilamento.

Desapareceram, porém, das lindas faces de Leontina as róseas côres que lhe davam tanta graça e tanto encanto. Nem já o filhinho, fruto de um grande e abençoado amor, conseguia fazer-lhe voltar o sorriso aos lábios emurchecidos.

Wendlingen ouviu falar que no Rio de Janeiro talvez conseguisse ser admitido como oficial do exército imperial. Obtida a devida permissão, embarcou-se com a espôsa e o filho para a capital brasileira. Longos dias, semanas e meses de angustiosa espera. As jóias e objetos de uso doméstico iam sendo vendidos um atrás do outro. E a saúde de Leontina, dia a dia, se tornava mais precária. Não lhe saía da mente a horrível cena a que assistira em Quaretaro. Ia definhando, como a flor arrancada à haste em que desabrochara. Wendlingen, um dia, ao beijá-la, sentiu que a febre queimava os lábios da espôsa amada. Sem mais esperanças de emprêgo no Rio, seguiu o conselho de patrícios seus que lhe recomendavam viesse para o Sul, onde um clima mais ameno e um convívio mais íntimo com gente de origem e fala germânicas, talvez trouxessem à infeliz Leontina algum lenitivo. E, assim, a desgraçada família veio ter a Blumenau. Mas, Leontina já não era nem mesmo a sombra do que fôra.

Os beijos ardentes e apaixonados do marido tentavam reanimá-la. Mas, ela morria aos poucos. Morria delirando, falando ora em seus dias de felicidade, ora nos tempos do convento, cantando salmos entre volutas de incenso a subirem, com ela, para o altar do Senhor. Pouco depois, expirou nos braços do espôso amado.

E seu corpo foi repousar à sombra dos ciprestes do velho cemitério colonial.

Wendlingen embarcou o filhinho num navio, de volta à Áustria, para que seu irmão mais velho e os parentes de Leontina se encarregassem da sua educação.

E êle, o infeliz Ajudante de Sua Majestade, o Imperador do México, conseguiu um lugar de professor de primeiras letras e, tôdas as tardes, depois de dar cumprimento às obrigações do cargo, subia vagarosamente a colina e ia sentar-se junto ao túmulo de Leontina, relembrando o seu amor, chorando a sua saudade...

OCORRÊNCIAS DE 1857

O registro dos nascimentos ocorridos na colônia, nos primeiros anos de sua existência, eram feitos pelo Dr. Blumenau. Em 1851, exatamente um ano depois da fundação, nasceu a primeira blumenauense, a menina Ida Friedenreich, filha do veterinário Guilherme Friedenreich, um dos 17 fundadores.

Em 1857, foram registrados 18 nascimentos, e 24 óbitos.

Data de 1857 a fundação da comunidade evangélica de Blumenau, que será assunto de artigo especial.

Figuras do Passado

Henrique Krohberger

Agora que foi demolida a velha igreja de Blumenau, para dar lugar a um templo moderno, amplo, capaz de abrigar a crescente população católica da cidade, é justo que inauguremos esta seção com uma homenagem à memória de Henrique Krohberger.

A matriz de Blumenau foi, incontestàvelmente, uma magnífica obra de arte, em puro estilo gótico, de linhas harmoniosas e elegantes. Foi Krohberger quem a planejou e a construiu em 1875.

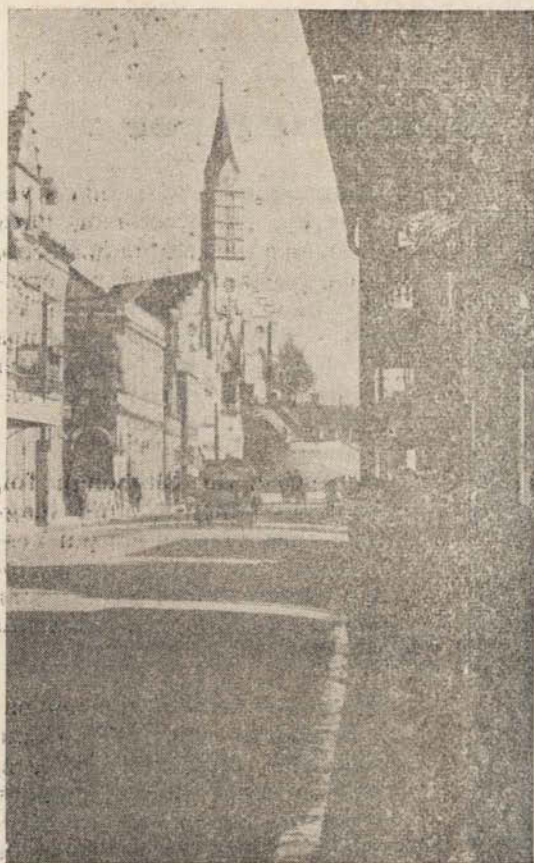
Henrique Krohberger veio para Blumenau em 1858. Como engenheiro arquiteto que era, manteve-se ao lado do fundador da colônia, como seu auxiliar-técnico. Todos os edifícios de maior vulto da então sede da colônia, foram construídos por êle. Assim, o prédio da direção, que depois passou a ser a prefeitura, as igrejas católica e protestante, a antiga ponte sôbre o Garcia, na atual Rua Quinze, a ponte do Salto, sôbre o Itajaí, e que ainda existe, etc.

Quando, em 1880, a colônia foi emancipada, Krohberger passou a exercer o cargo de agrimensor da Comissão de Terras e Colonização e, posteriomente, o de auxiliar-técnico da Diretoria de Terras, Colonização e Obras Públicas.

Em 1896, foi encarregado da organização da carta topográfica do Estado, obra em que dispendeu dois anos de trabalho constante.

Aposentou-se em 1908. Tinha grandes méritos como profissional competente e escrupuloso.

Faleceu em 1914, deixando muitos descendentes.

A sua memória merece o respeito e a admiração dos blumenauenses.

A Matriz que já foi demolida

Dominando a parte central da cidade, a igreja que desaparece foi, durante bons oitenta anos, testemunha muda dos acontecimentos que, progressivamente, impulsionaram Blumenau para a situação invejável que desfruta nos dias que correm. A sua tôrre, esbelta na sua forma primitiva, tal como Krohberger a concebeu e executou, mais tarde deturpada por conveniência da colocação de novos sinos e do relógio, tornara-se típica. Punha qualquer cousa de místico, de sublime, de poético, no pitoresco da paisagem, que se desdobra pela grande curva do Itajaí, ao longo da qual a cidade se expande.

Efemérides Blumenauenses

NOVEMBRO:

1869 — dia 8 — O doutor Blumenau, depois de quatro e meio anos de ausência na Europa, regressa a Blumenau, casado.

1871 — dia 19 — Os bugres atacam e matam o colono Piske, em Benedito.

1874 — dia 8 — Falece o professor público Vitor von Gilsa que, como capitão, tomou parte na guerra do Paraguai integrando o contingente de voluntários blumenauenses.

1874 — dia 22 — Chega à colônia, pela primeira vez, o vapor "Lourenço".

1879 — dia 9 — À noite, um tigre penetrou na casa do colono Cornélio Murphy, em Itoupava, ferindo-o gravemente. Cornélio faleceu dias depois.

1889 — dia 23 — A Câmara Municipal, em reunião, dá sua adesão ao govêrno republicano.

FIGURAS DO PRESENTE

Em cada caderno, nesta seção, homenagearemos um blumenauense vivo, que, pelas suas virtudes morais e cívicas, pelo seu reconhecido amor ao município e ao seu povo, se tenha feito credor da gratidão da coletividade.

E não poderíamos começar melhor a relação, do que com o nome de Frei Ernesto Emendoerfer, O. F. M., diretor do Colégio Santo Antônio.

Blumenauense que dedicou tôda a sua existência (que já ultrapassou sessenta anos e que a Divina Providência prolongue por muitos mais ainda) às causas de Deus e da Pátria, distinguiu-se, de um modo todo especial, na missão que vem exercendo por muitíssimos anos: a da educação da mocidade. Quanto Blumenau, o Vale do Itajaí inteiro, até mesmo Santa Catarina e o Brasil, devem a Frei Ernesto!

Ainda é cedo para julgar a sua obra. Ainda é cedo para dizer dos benefícios que a sua experiência, os seus exemplos de sacerdote, de cidadão digno, de munícipe enamorado das belíssimas tradições da pequena pátria, da comuna bem amada, trouxeram à sociedade e à família blumenauense.

Estamos, certamente, fazendo agravo à modéstia de S. Revma. com èstes comentários. Mas, que o bom frade nos perdôe!

Conhecendo de perto, como conhecemos, a atuação de Frei Ernesto em prol dos interêsses do município, a preocupação com que estuda a sua história, tão bonita, tão cheia de magníficos exemplos de patriotismo, de Fé, de entusiasmo pela grandeza do Brasil, não podemos deixar de reconhecer-lhe o direito de aparecer como o nosso primeiro homenageado, como uma grande, uma nobre figura do presente blumenauense.

Dentro do apostolado que se impôs, por vocação tôda providencial, Frei Ernesto é o "the right man in the right place". O homem talhado para ser mestre, orientador. Lapidário de caracteres, modelador de consciências.

Blumenau do futuro consagrará êsse modesto franciscano como um dos maiores de seus filhos. E, certamente, a multidão de indivíduos úteis à sociedade e à pátria, que passaram por suas mãos de mestre e de amigo, médicos, engenheiros, advogados, padres, professôres, juízes, políticos, administradores, industriais, simples operários, hão de honrar o seu nome pelas gerações a fora, inscrevendo-o na galeria dos mais destacados descendentes dos pioneiros que, às margens do Itajaí, argamassaram com suor e sangue êste magnífico empreendimento que é a obra colonizadora do Dr. Blumenau.

Centenário da Comunidade Evangélica de Blumenau

O dia 9 de agôsto dêste ano assinalou a passagem do centésimo aniversário da fundação da Comunidade Evangélica de Blumenau. Os fatos ligados a essa efeméride, serão focalizados num dos próximos cadernos.

Não queremos, porém, deixar passar o ensejo do lançamento desta publicação, sem prestar as nossas homenagens aos pastôres e fiéis que, nesses cem anos decorridos, vêm batalhando ao mesmo tempo pelo aprimoramento da Fé e dos costumes e do progresso material e moral do município.

E nenhuma homenagem se nos afigura mais oportuna do que transcrever, aqui, a brilhante oração proferida por Frei Ernesto, diretor do Colégio Santo Antônio, por ocasião das solenidades com que foi comemorado o notável acontecimento:

O Templo Evangélico de Blumenau, construção de H. Krohberger.

"A Sociedade dos Amigos de Blumenau, tem razões muito bem fundamentadas e motivos convincentes para congratular-se com a Comunidade Evangélica de Blumenau, nesta data, em que há cem anos passados, no "Banco dos Imigrantes", estreava oficialmente o primeiro pastor evangélico.

Seria, porém sair de minha órbita, quisesse, nesta hora, que é de comemoração solene do nascimento da Comunidade Evangélica, focalizar-lhe as atividades religiosas; outros já o fizeram ou ainda o farão com proficiência.

Sem direito de requestar a benévola atenção do auditório por exposição, que devia ser longa, das realizações dessa Comunidade no campo cultural e social, permito-me debuxar o perfil de alguns pastôres beneméritos de Blumenau.

Rodolfo Osvaldo Hesse foi o primeiro pastor da Comunidade. Formado pela Universidade de Breslau, membro de família muito conspícua e altamente relacionada, tinha diante de si, em sua terra natal, futuro promissor. Não obstante acedeu ao convite do Dr. Blumenau de passar-se para a colônia recém-fundada, onde trabalhou 22 anos. Organizou a Comunidade e filiais. Inaugurou esta igreja, dedicada ao Espírito Santo. Era orador emérito. Espírito empreendedor e dinâmico. A 2 de dezembro de 1859, fundava no local onde hoje funciona o Tabajara-Tênis-Clube, a Sociedade dos Atiradores, que foi a associação tradicional de Blumenau, durante quase 90 anos. Quatro anos mais tarde, organizou a Sociedade de Cantores "Germânia", que dirigiu durante muitos anos, e ainda sobrevive na im-

portante e simpática Sociedade Dramático-Musical "Carlos Gomes". Fundou também uma escola, que mais tarde devia ser a "Escola Nova". Bem humorado e expansivo, favorecia a sã alegria, caridoso, amparava os pobres, as viúvas e órfãos; era liberal, a ponto de convidar sua comunidade, oficialmente, para comparecer ao lançamento da pedra fundamental da Igreja Católica. Foi, incontestàvelmente, um grande homem.

Em 1889, dez anos após a morte do pastor Hesse, não como sucessor imediato, foi empossado no cargo o pastor Hermann Faulhaber. Além de dedicar-se ao munus pastoral, empenhou-se êle na organização da "Escola Nova", a cuja frente se manteve durante 26 anos, com rara competência. Fundou a Associação dos Professôres e diversas comunidades escolares. A 16 de junho de 1893, publicou o primeiro número do "Urwaldsbote", jornal que se tornou o mentor espiritual dos colonos do Vale do Itajaí. Para seus fiéis editou o "Christenbote". Entre as numerosas publicações do pastor Faulhaber avulta um Manual para o ensino da História do Brasil, escrito em alemão, o que se explica pelas circunstâncias da época. A orientação do livro caracteriza-se por estas palavras da introdução: "O ensino da História tem por fim expor ordenadamente a evolução histórica de um povo, através da concatenação de seus acontecimentos mais importantes. Deve esclarecer o pensamento, explicar causas e efeitos, relatar experiências e fatos, apresentar bons exemplos a imitar, e maus a fugir. Assim deve criar-se sentimento de nobreza e patriotismo. "Falou o mestre"!

Em 2 de setembro, data da fundação de Blumenau, neste ano, ocorre o cinqüentenário da criação da Sociedade Evangélica de Senhoras de Blumenau pelo pastor Mummelthey. Propunha-se essa Associação, cuja primeira diretoria era constituída pelas senhoras pastor Mummelthey, Elsbeth Koehler, Nanny Poethig, Wanda Blohm e Hedwig Kuenzer, prestar assistência a doentes e parturientes. Surgiu o "Johannastift", de que é sucessora a moderna Maternidade, que é um orgulho de Blumenau.

Em 1913, chegaram a Blumenau as primeiras diaconisas, irmãs enfermeiras evangélicas, que iniciaram sua atividade no Hospital Municipal. O pastor Mummelthey ainda foi um dos principais mentores para a fundação do Hospital Santa Catarina, estabelecimento modelar. Enquanto existir a Maternidade Elsbeth Koehler, assim chamada em homenagem à senhora que, durante 40 anos, lhe dedicou os melhores de seus esforços, e enquanto o Hospital Santa Catarina continuar a favorecer a população de Blumenau e dos municípios circunvizinhos, será lembrado o nome do pastor Mummelthey.

Dentre a Comunidade Evangélica de Blumenau apontei apenas três nomes de pastôres a quem nossa comuna muito deve. Poderia citar muitos outros membros da Comunidade, vivos e falecidos, que pelas suas realizações se tornaram credores do reconhecimento público. Assim se justifica, plenamente, o júbilo e a satisfação com que a população do nosso município e dos vizinhos, agora sem distinção de credo, participa das festas do centenário da Comunidade Evangélica de Blumenau, a que tenho o prazer de apresentar as saudações efusivas e as congratulações sinceras da Sociedade dos Amigos de Blumenau."

Um julgamento acertado

Os primeiros nove anos da vida da colônia de Blumenau foram de verdadeiro martírio para o seu fundador.

Dispondo de pequeno capital para enfrentar o constante aumento das despesas com a demarcação dos lotes, com os adiantamentos aos imigrantes para a compra de utensílios de lavoura, gêneros de primeira necessidade e construção dos ranchos, caminhos e pontes, o Dr. Blumenau sofria verdadeiros tormentos para enfrentar a difícil situação.

O govêrno emprestara-lhe algum dinheiro. Mal dera, porém, para pagar dívidas já feitas.

Os colonos continuavam a chegar ao estabelecimento em número cada vez maior. E a receita, apesar de tôdas as economias, de todos os cortes e reduções não chegava para as necessidades mais prementes. E os imigrantes reclamavam. E o fundador se desesperava. Chegou, mesmo, conforme a sua própria afirmação em cartas a amigos e parentes, a pensar no suicídio. E só não levou a cabo o desesperado intento porque o impediu a lembrança de sua mãe, do desgôsto que iria causar-lhe, a ela que o educara em princípios cristãos muito rígidos e muito severos.

Êsses nove anos de sacrifícios, de esforços desesperados para salvar o estabelecimento de ruína que se apresentava quase certa, que se aproximava à proporção que os dias passavam, estão registrados com muito relêvo e colorido nos relatórios e na correspondência do fundador.

E a impressão que ficava em quem visitasse a colônia, ou lhe estudasse a situação e os recursos por volta de 1859, era de que o Dr. Blumenau não iria longe com o seu estabelecimento. Iria, certamente, à falência, à derrocada completa do seu ideal, à ruína financeira e moral.

Há, entre muitos outros, um testemunho bem claro e interessante dêsse estado de cousas de colônia, no livro que o escritor francês Charles Ribeyrolles publicou naquele mesmo ano de 1859, o "Brasil Pitoresco".

Nesse documento está expressa a opinião geral, naquela época, a respeito da sorte que aguardava a novel colônia. Ninguém acreditava mais no seu sucesso.

É interessante transcrever êsse capítulo do livro citado:

"A iniciativa individual fundou esta colônia como criou os trinta e seis estabelecimentos de São Paulo. Desta vez, porém, o sistema diverge. Os colonos não são assalariados em meia colheita: compram a terra, cada qual seu lote, com dinheiro a vista, ou por anuidades sucessivas.

Êsse sistema de relações entre a terra e o homem é preferível ao simples contrato de arrendamento. Terá essa constituição colonial dado melhores resultados? Os fatos vão responder.

Em 1850, o Dr. Hermann Blumenau trouxe da Europa um certo número de famílias alemãs e as instalou nas duas margens do Itajaí-açu, em vastos terrenos que possuía, seja por compra, seja por concessão do govêrno. Muito afastada dos mercados, não tendo vias de comunicação e reduzida aos únicos recursos de seu fundador, a colônia progrediu lentamente e não pôde formar um dêsses centros vigorosos que irradiam e se expandem. Era uma espécie de "quilombo" coberto e fechado. Todavia, a fertilidade do solo, a enérgica perseverança do empresário e o trabalho paciente dos colonos obraram maravilhas. Êstes últimos eram quase todos verdadeiros lavradores. Cultivavam com gran-

de sucesso o arroz, a mandioca, o milho, as raízes feculentas, sobretudo a cana de açúcar. Tinham campinas artificiais, mais de mil cabeças de gado — bois, porcos ou aves e desde 1857, o núcleo colonial elevou-se a cêrca de setecentos trabalhadores.

Haverá, pois, aí, uma séria e verdadeira colônia? Ai dela. O fundador arruinou-se... Os colonos compradores não puderam pagar, em nove anos, mais do que um miserável dividendo sôbre os sessenta contos que lhe deviam. Não lhe foi mais possível acudir às necessidades correntes, apesar dos auxílios do govêrno, e êsses auxílios, por meio de empréstimos, o têm de tal modo onerado que êle está em vias de liquidação.

Dêsse triste estado de cousas resulta que os trabalhos necessários, como pontes, estradas, oficinas, saneamento, etc., estão interrompidos, e a autoridade do fundador enfraquece. Desaparece a confiança, alma do trabalho. Os boletins enviados para a Europa são desconsoladores. O Dr. Blumenau vai perdendo o seu crédito e o Brasil os seus recrutas. Em duas palavras, há uma pausa na emigração, em lugar de corrente ativa.

Não se procura amesquinhar aqui nem a inteligência nem os serviços dêsse senhor. Os documentos em que tenho colhido êstes dados são oficiais e não serão de desprezar jamais, essas generosas iniciativas que sabem se arriscar e durar. O Dr. Blumenau, como o Dr. Faivre, fêz o que pôde para dotar a miséria européia de uma terra fértil, e o Brasil de uma população diligente. É um grande exemplo, digno de tôdas as simpatias. Mas, para um estudo consciencioso do difícil problema da colonização, é mister analisar os resultados e observar de perto as cousas. Ora, o que é verdade é que hoje o diretor fundador está esgotado.

E que prova essa experiência, se não fracassada, condenada, ao menos comprometida? É que os esforços de uma só pessoa, aqui, não bastam para conquistar a terra, constituir um centro, fundar uma colônia. É que o mais generoso e bravo nisso aplica o seu tempo, o seu dinheiro, as suas fôrças, que as condições da empreitada são múltiplas, e que a iniciativa individual, mesmo a mais exercitada, se torna, cedo ou tarde, impotente.

A solução, está, portanto, em outra parte".

Felizmente as previsões não se realizaram. E Blumenau, aí está, bela e rica e futurosa.

Mas, nem por isso Ribeyrolles deixava de ter razão.

Naquela ocasião, o Dr. Blumenau estava, realmente, às portas da falência!

Santa Catarina, fator de progresso no Brasil

Pelos dados do IBGE, o Estado de Santa Catarina é um dos mais industriosos, ocupando nas estatísticas de 1950, o oitavo lugar quanto ao valor em cruzeiros, mau índice de avaliação, devido à instabilidade da moeda. Os grupos mais importantes eram os das indústrias alimentares, com 1.665 estabelecimentos; indústrias de madeira, com 1.547 estabelecimentos e a têxtil, com 77 fábricas, colocando-se sua produção em sétimo lugar no Brasil.

Dados de 1953, assinalam grande impulso na indústria têxtil, com 196 fábricas e 10.182 operários, predominando o Município de Blumenau com 20 fábricas e 3.913 operários, logo seguido de Brusque com 21 fábricas e 1.718 operários.

UMA SUGESTÃO

Associação de Cronistas do Município

Muita cousa interessante da história do município se perde por falta de registro. Quantos episódios políticos, acontecimentos sociais, situações de tristeza ou de comicidade deixam de ser registradas por falta de cronistas que os perpetuem para a história.

Quem não gostaria de saber, por exemplo, em seus detalhes, como viviam os primeiros imigrantes no início do estabelecimento do Dr. Blumenau, os seus trabalhos e as suas alegrias, as suas reuniões familiares, os pequenos incidentes diários, os seus divertimentos, as suas preocupações, os seus sustos, as suas relações com os vizinhos e com o diretor da colônia?

Hoje mesmo, hoje que temos jornais e revistas que se encarregam de registrar êsses acontecimentos, muita cousa que poderia interessar ao futuro historiador escapa às letras de fôrma. Ou por conveniência política, ou por influências econômicas e financeiras, ou pela injunção de interêsses particulares ou de grupos, muita cousa fica na lembrança, apenas, dos coevos ou, quando muito, passa à primeira e segunda gerações e acaba se apagando completamente. Perdem-se assim elementos preciosos.

Não precisamos ir longe. Numa reunião do Rotary de Blumenau, certa vez, Curt Hering teve que fazer a sua alocução de praxe. Escolheu, para narrá-lo, um episódio da revolução de 1893, na qual, como é sabido, Blumenau teve parte bem saliente. E contou cousas que sucederam e de que êle fôra protagonista, que, até então, eram conhecidas apenas de seus parentes e amigos. E, no entanto, tratava-se de assunto de grande interêsse para a história de Blumenau.

Sabe-se que a bela estátua do Dr. Blumenau, erguida na praça de seu nome, foi mandada levantar pelo prefeito Ferreira da Silva, e quem a esculpiu foi o mesmo laureado artista que criou o monumento a Tiradentes, defronte à Câmara dos Deputados, no Rio de Janeiro. Ninguém sabe, entretanto, das dificuldades, dos percalços, dos aborrecimentos, das intrigas que foi preciso superar para chegar à concretização da magnífica iniciativa. E não seria de utilidade, no julgamento de certos atos das administrações do passado e do presente, que o historiador futuro conhecesse, também, pormenores como êsses?

Cada um de nós tem cousas a contar que não interessam apenas a nós mesmos ou aos nossos parentes e amigos; cousas que dizem respeito à história da comuna, à vida dos seus co-munícipes. Por quê não escrever essas cousas, por quê não registrar êsses fatos, para que sejam aproveitados, amanhã, pelos cultores da história regional?

Acredito que seria excelente e oportuna a fundação de uma sociedade que congregasse representantes de tôdas as classes, de todos os bairros da cidade, de todos os quarteirões do município, e em que cada qual se obrigasse a registrar, pelo menos anualmente, em carta ou relatório à diretoria, os principais acontecimentos ocorridos na sua zona, na sua comunidade, na sua fábrica, no seu estabelecimento, na sua escola, na sua repartição, a dar a sua opinião sôbre os mesmos, a impressão causada, as sugestões que a respeito tivesse que fazer.

(Conclui na pag. 20)

Problemas da Administração Municipal

O canal Bom Retiro

Ouvimos o senhor J. Ferreira da Silva, ex-prefeito do município, sôbre os rumores referentes ao mau estado em que se encontra parte do canal que passa sob a Rua Nereu Ramos.

Como é sabido, as águas do ribeirão Bom Retiro foram canalizadas, parte em bueiro de concreto e parte em tubos de zinco "Armco", de dois metros de diâmetro.

A obra foi concluída na gestão daquele administrador, que ultimou, também, o atêrro que viria transformar, completamente, o aspecto do centro urbano, dotando-o da Rua Nereu Ramos, e da Praça Dr. Blumenau, dois logradouros que muito contribuiram para o embelezamento da cidade.

Aquêle ex-prefeito assim se expressou a respeito dêsse palpitante assunto:

"Quando, em 1954, visitei o snr. Hercílio Deeke, então no cargo de governador do município a que prestou, sem dúvida, assinalados serviços, tive ocasião de transmitir a S. Excia. as minhas apreensões a respeito do perigo que uma parte do canal estava apresentando. Realmente, quando, na minha administração, estávamos em vias de conclusão do grande empreendimento, notamos que parte do bueiro de concreto havia cedido à pressão do atêrro, possìvelmente pela deficiência de estaqueamento das fundações. Nomeamos uma comissão de entendidos para examiná-lo. Os peritos foram de parecer que o ocorrido não apresentava perigo algum imediato para a estabilidade do restante da obra, pois, embora deslocado, o bueiro continuava dando passagem suficiente às águas, mesmo nas épocas de cheias.

Em vista dêsse parecer (que, decorridos já bons dezesseis anos, provou ter sido acertado), concluímos a canalização, desta vez com 75 metros de tubos "Armco", levando em consideração as garantias dadas pela firma fornecedora, digna de absoluta fé. E acertamos nessa providência, porque êsses tubos até hoje continuam firmes, sem apresentarem motivo algum de preocupação.

Mas, as falhas do bueiro de cimento nunca deixaram de me causar apreensões. E continuo de opinião que, embora elas não representem perigo iminente, é necessário encontrar-se uma solução, e uma solução próxima e definitiva.

Isso mesmo eu disse ao Prefeito Deeke.

E, na minha opinião, a providência que se deve adotar imediatamente é o desvio do curso do ribeirão Bom Retiro para o ribeirão Gar-

cia, atravessando a Alamêda Rio Branco. Aliás, era meu intuito, ao continuar a obra a despeito das falhas do bueiro de cimento, iniciar imediatamente o corte que levasse as águas do Bom Retiro diretamente para o Garcia.

Segundo estou informado, há estudos nesse sentido, elaborados pelo Departamento de Portos, Rios e Canais.

Mas, a Prefeitura deveria chamar a si a execução dessa importante obra, se quiser concluí-la quanto antes.

Se esperar pelo govêrno federal, não a verá pronta tão cedo.

E não é obra de tanto vulto que possa assustar um administrador blumenauense.

O prefeito Busch que mêta mãos à obra!"

Continuação da página 18

Associação de Cronistas do Município

Em Blumenau, há gente capaz de fundar e estruturar uma sociedade assim.

Que tesouro de informações históricas, políticas, sociais, religiosas, econômicas, poderia essa sociedade recolher e registrar cada ano!

Blumenau tem sido pioneira em muito empreendimento útil. Que o seja também nesse setor, fundando e sustentando uma organização de tamanha utilidade.

Aí estão Frei Ernesto, Frederico Kilian, Ingo Hering, Madame Barreto, Max Amaral, Orlando Melo, Carl Wahle, Professor Salles, Nestor Heusi e tantos outros dedicados cultores do passado de Blumenau. Que metam mãos à obra!

J. Ferreira da Silva.

Blumenau em Cadernos

Mensário dedicado à história e aos interêsses do Vale do Itajaí

Assinatura 12 números .... Cr$ 100,00
Número avulso .... Cr$ 10,00

Administração e responsabilidade de E. Ferreira da Silva.
Tôda a correspondência deverá ser dirigida a

Blumenau em Cadernos
Caixa Postal, 425
BLUMENAU — S. CATARINA

cia, atravessando a Alamêda Rio Branco. Aliás, era meu intuito, ao continuar a obra a despeito das falhas do bueiro de cimento, iniciar imediatamente o corte que levasse as águas do Bom Retiro diretamente para o Garcia.

Segundo estou informado, há estudos nesse sentido, elaborados pelo Departamento de Portos, Rios e Canais.

Mas, a Prefeitura deveria chamar a si a execução dessa importante obra, se quiser concluí-la quanto antes.

Se esperar pelo govêrno federal, não a verá pronta tão cedo.

E não é obra de tanto vulto que possa assustar um administrador blumenauense.

O prefeito Busch que mêta mãos à obra!"

Continuação da página 18

Associação de Cronistas do Município

Em Blumenau, há gente capaz de fundar e estruturar uma sociedade assim.

Que tesouro de informações históricas, políticas, sociais, religiosas, econômicas, poderia essa sociedade recolher e registrar cada ano!

Blumenau tem sido pioneira em muito empreendimento útil. Que o seja também nesse setor, fundando e sustentando uma organização de tamanha utilidade.

Aí estão Frei Ernesto, Frederico Kilian, Ingo Hering, Madame Barreto, Max Amaral, Orlando Melo, Carl Wahle, Professor Salles, Nestor Heusi e tantos outros dedicados cultores do passado de Blumenau. Que metam mãos à obra!

J. Ferreira da Silva.

Blumenau em Cadernos

Mensário dedicado à história e aos interêsses do Vale do Itajaí

Assinatura 12 números .... Cr$ 100,00
Número avulso .... Cr$ 10,00

Administração e responsabilidade de E. Ferreira da Silva.
Tôda a correspondência deverá ser dirigida a

Blumenau em Cadernos
Caixa Postal, 425
BLUMENAU — S. CATARINA

Blumenau

Posição geográfica: 26º 55' 26" latitude Sul
49º 03' 32" longitude Oeste

Altitude: 14 metros no centro urbano.

Área municipal: 678 km2 — *População*: 60.000 habitantes

Atividades econômicas:

Agricultura: arroz, mandioca, milho, fumo.

Indústrias de transformação, especialmente de fiação e tecelagem de algodão.

Laticínios, carnes preparadas, conservas.

Brinquedos, instrumentos musicais, aparelhos elétricos de precisão.

Porcelanas, cristais.

Gases medicinais.

Medicamentos, perfumarias.

Fundições de metais.

Chocolates e balas, etc...

Divisão Política: três distritos: sede, Rio do Têsto e Vila Itoupava. Prefeito e treze vereadores.

Comarca com duas varas, dois juízes e dois representantes do Ministério Público.

Particularidades urbanas: 7.000 ligações elétricas; 16 hotéis, 4 cinemas, um teatro, três ótimos hospitais com 600 leitos.

65 unidades de ensino primário fundamental, 3 de ensino secundário, 1 pedagógico, 1 industrial, 1 comercial, 1 artístico. Na cidade, 14 tipografias, 5 livrarias, 5 periódicos em circulação, um dêles diário.

A arrecadação prevista para 1957 é de 60 milhões de cruzeiros.